

**QUANDO O GINÁSIO EDUCACIONAL TECNOLÓGICO (GET) SE TORNA
LABORATÓRIO: A EXPERIÊNCIA DA OLITEF E O ENSINO DE ECONOMIA PARA O
6º ANO**

**WHEN THE TECHNOLOGICAL EDUCATIONAL GYMNASIUM (GET) BECOMES A
LABORATORY: THE OLITEF EXPERIENCE AND THE TEACHING OF ECONOMICS
FOR THE 6th GRADE**

Recebido em: 20/12/2025

Aceito em: 10/05/2026

Publicado em: 24/06/2026

Caruanã Guatara Oliveira Frescurato ¹

Resumo: Este artigo analisa a experiência pedagógica da OLITEF em uma turma do 6º ano do GET Vera Lúcia Chaves da Costa, localizado em Santa Cruz, Rio de Janeiro. A intervenção buscou promover a educação financeira como prática formativa integrada ao cotidiano dos estudantes, articulando conceitos econômicos básicos, competências socioemocionais e reflexão crítica sobre consumo, valor e planejamento. Por meio de oficinas temáticas, atividades vivenciais, simulações econômicas e rodas de conversa, a proposta permitiu que os alunos compreendessem a economia como dimensão social, afetiva e cultural, e não apenas como campo técnico. Os resultados evidenciam avanços cognitivos, maior autonomia na tomada de decisões, desenvolvimento de habilidades matemáticas e mudanças comportamentais relacionadas à organização, ao cuidado com materiais e ao enfrentamento de conflitos. A experiência também fortaleceu o vínculo entre escola, família e comunidade, além de estimular o corpo docente a integrar a educação financeira ao currículo de forma contínua e significativa. Conclui-se que a atuação da OLITEF contribuiu para ampliar o protagonismo juvenil, fomentar práticas pedagógicas inovadoras e promover a formação de estudantes mais conscientes, críticos e capazes de relacionar escolhas individuais às dinâmicas econômicas mais amplas de seu território.

Palavras-chave: Educação Financeira; Educação Básica; OLITEF; Protagonismo Juvenil; Escola.

Abstract: This article examines the pedagogical experience developed by OLITEF with a 6th-grade class at GET Vera Lúcia Chaves da Costa, located in Santa Cruz, Rio de Janeiro. The intervention aimed to promote financial education as a formative practice integrated into students' daily lives, connecting basic economic concepts, socio-emotional competencies, and critical reflection on consumption, value, and planning. Through thematic workshops, experiential activities, economic simulations, and discussion circles, the project enabled students to understand economics as a social, emotional, and cultural dimension, rather than merely a technical field. The results reveal cognitive gains, greater autonomy in decision-making, the development of mathematical skills, and behavioral changes related to organization, care for materials, and conflict resolution. The experience also strengthened the relationship between school, family, and community, while encouraging teachers to incorporate financial education into the curriculum in a continuous and meaningful way. It is concluded that OLITEF's work contributed to expanding youth protagonism, fostering innovative pedagogical practices, and promoting the formation of students who are more aware, critical, and capable of relating individual choices to the broader economic dynamics of their territory.

Keyword: Financial Education; Basic Education; OLITEF; Youth Protagonism; School.

INTRODUÇÃO

A Organização Livre para a Transformação Econômica e Financeira (OLITEF), enquanto iniciativa de formação cidadã voltada ao desenvolvimento de competências socioeconômicas, vem

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor II pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. E-mail: vjdobf@gmail.com

ganhando destaque no cenário educacional brasileiro, sobretudo após a ampliação das discussões acerca da educação financeira como direito social. Embora intervenções dessa natureza tenham se expandido nos últimos anos, ainda há considerável distância entre as formulações políticas macroestruturais e a realidade cotidiana das escolas públicas, especialmente aquelas localizadas em territórios periféricos, onde desigualdades econômicas, vulnerabilidades sociais e limitações estruturais são mais intensas. Nesse contexto, a OLITEF atua como dispositivo formativo que articula saberes matemáticos, práticas culturais, atitudes socioemocionais e reflexões éticas, inserindo-se na perspectiva de uma educação que não se limita ao desenvolvimento cognitivo, mas também emancipa, politiza e amplia a capacidade de leitura crítica do mundo.

O analfabetismo financeiro, comum entre pessoas com menor renda e escolaridade, limita a compreensão de conceitos básicos de economia e torna o acesso às informações pouco útil quando restrito a conteúdos digitais superficiais. Para superar essa barreira, é indispensável que o aprendizado seja estruturado dentro das escolas, apoiado por materiais de estudo individual e ajustado às necessidades específicas de cada público (Silva Neto, 2015).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao incorporar a educação financeira como tema transversal articulado às áreas de Matemática e Ciências Humanas, reconhece a urgência de preparar estudantes para lidar com decisões cotidianas relacionadas ao consumo, ao uso de recursos, ao planejamento de metas e à compreensão de sistemas econômicos mais amplos. Contudo, os documentos normativos não definem, por si só, metodologias ou propostas concretas para garantir que a aprendizagem ocorra de maneira significativa.

O consumo é apresentado como forma e objetivo de vida. É fundamental que nossos alunos aprendam a se posicionar criticamente diante dessas questões e compreendam que grande parte do que se consome é produto do trabalho, embora nem sempre se pense nessa relação no momento em que se adquire uma mercadoria. É preciso mostrar que o objeto de consumo, seja um tênis ou uma roupa de marca, um produto alimentício ou aparelho eletrônico etc, é fruto de um tempo de trabalho, realizado em determinadas condições. Quando se consegue comparar o custo da produção de cada um desses produtos com o preço de mercado é possível compreender que as regras do consumo são regidas por uma política de maximização do lucro e precarização do valor do trabalho. Aspectos ligados aos direitos do consumidor também necessitam da Matemática para serem mais bem compreendidos. Por exemplo, para analisar a composição e a qualidade dos produtos e avaliar seu impacto sobre a saúde e o meio ambiente, ou para analisar a razão entre menor preço/menor quantidade. Nesse caso, situações de oferta como: compre 3 e pague 2, nem sempre são vantajosas, pois geralmente são feitas para produtos que não estão com muita saída - portanto, não há, muitas vezes, necessidade de comprá-los em grande quantidade - ou que estão com os prazos de validade próximos do vencimento. Habituar-se a analisar essas situações é fundamental para que os alunos possam reconhecer e criar formas de proteção contra a propaganda enganosa e contra os estratagemas de marketing que são submetidas os potenciais consumidores. (Brasil, 1998. p. 35)

A lacuna entre a prescrição e sua implementação reforça a importância de projetos pedagógicos autônomos, como aqueles desenvolvidos pela OLITEF, que oferecem oficinas, jogos, rodas de conversa e dinâmicas vivenciais relacionadas ao universo econômico.

Na obra *Pai Rico, Pai Pobre* (2000), Kiyosaki critica a falta de Educação Financeira nos Estados Unidos, argumentando que o sistema escolar não evoluiu conforme as transformações globais recentes. Ela reforça essa preocupação ao destacar que essa lacuna compromete a preparação dos jovens para lidar com os desafios econômicos do futuro:

Como mãe e contadora, preocupava-me com a falta de instrução financeira nas escolas que nossos filhos freqüentam. Muitos dos jovens de hoje têm cartão de crédito antes de concluir o segundo grau e, todavia, nunca tiveram aulas sobre dinheiro e a maneira de investi-lo, para não falar da compreensão do impacto dos juros compostos sobre os cartões de crédito. Simplesmente, são analfabetos financeiros e, sem o conhecimento de como o dinheiro funciona, eles não estão preparados para o mundo que os espera, um mundo que dá mais ênfase à despesa do que à poupança (KIYOSAKI, 2000, p. 13).

A partir de uma perspectiva construtivista e interdisciplinar, a OLITEF se estrutura em três pilares centrais: (1) compreensão conceitual básica de economia, incluindo noções de renda, produção, circulação, consumo, poupança e investimento; (2) autonomia e tomada de decisão, estimulando os estudantes a refletirem sobre escolhas financeiras, prioridades, riscos e valores; (3) ética, coletividade e reciprocidade, enfatizando que a economia é sempre relação social, e que decisões individuais impactam o coletivo. Esses pilares permitem que a educação financeira se afaste da visão tecnicista, restrita a cálculos de juros ou orçamentos, e se aproxime de uma concepção humanizada, culturalmente situada e sensível aos contextos de vida dos alunos.

No caso específico do 6º ano do Ensino Fundamental, as ações desenvolvidas pela OLITEF se tornam ainda mais relevantes. Essa etapa marca a transição do pensamento concreto para formas mais abstratas de raciocínio, além de constituir momento de afirmação identitária e descoberta de novas responsabilidades. A escola pública, sendo espaço central de convivência e socialização, torna-se local privilegiado para discutir, de modo cuidadoso e significativo, as relações entre dinheiro, desejo, trabalho, desigualdade, sonhos e futuro. A experiência realizada no GET Vera Lúcia Chaves da Costa, em Santa Cruz (RJ), evidencia como essas ações podem influenciar positivamente o engajamento, a autonomia e a compreensão crítica dos estudantes sobre seu próprio cotidiano. De acordo com a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), o planejamento financeiro ocupa papel central e precisa ser tratado como parte essencial da Educação Financeira. O documento traz uma conceituação de planejamento financeiro nos seguintes termos:

O planejamento financeiro pessoal é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve estratégia de decisões de consumo, poupança, investimento e proteção contra riscos, que aumenta a probabilidade de dispor dos recursos financeiros necessários ao financiamento de suas necessidades e à realização de seus objetivos de vida (Brasil, 2011a, p. 22).

Assim, compreender a OLITEF como prática pedagógica implica reconhecer sua capacidade de dialogar com os desafios contemporâneos da formação escolar. Trata-se de uma pedagogia que ultrapassa o ensino de conteúdos e se insere na formação integral dos sujeitos, possibilitando que adolescentes produzam sentidos, reflitam sobre suas condições de vida e estabeleçam estratégias para projetar caminhos futuros. Ao longo das próximas seções, detalha-se como essa experiência tomou forma na realidade concreta da escola, descrevendo seus métodos, desafios, negociações e resultados preliminares.

CONTEXTO SOCIAL E EDUCACIONAL DO GET VERA LÚCIA CHAVES DA COSTA

O GET (Ginásio Experimental Tecnológico) Vera Lúcia Chaves da Costa, localizado no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, insere-se em um território marcado por desigualdades históricas, intensa urbanização periférica e múltiplas expressões de vulnerabilidade social. Santa Cruz, embora seja um dos bairros mais antigos da cidade, encontra-se distante do centro metropolitano e enfrenta problemas como precariedade no transporte, carência de equipamentos culturais, indicadores elevados de evasão escolar e desafios relacionados ao acesso a bens e serviços essenciais (Frescurato, 2025). Nesse cenário, a escola desempenha papel central como instituição de referência comunitária, funcionando não apenas como espaço de instrução formal, mas como equipamento social que acolhe, orienta, media conflitos e promove vínculos.

O GET integra um modelo pedagógico que enfatiza práticas inovadoras, uso de tecnologias educativas e metodologias ativas, estimulando protagonismo e autonomia discente. Essa proposta está alinhada às políticas públicas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que buscam reconfigurar o papel da escola pública a partir de práticas investigativas e da ampliação de repertórios socioculturais dos estudantes. Apesar desse ideal, o cotidiano escolar revela contradições: salas cheias, demandas emocionais complexas, falta de materiais em alguns momentos e desafios inerentes ao trabalho docente em territórios vulnerabilizados (Bastos, 2017).

A turma de 6º ano participante do projeto da OLITEF foi composta por estudantes de 11 a 13 anos, muitos deles moradores de conjuntos habitacionais ou áreas adjacentes com histórico de desigualdade socioeconômica. Os relatos espontâneos dos alunos durante as atividades revelam

familiaridade com situações como desemprego familiar, dificuldades financeiras, trabalhos informais ou instabilidade econômica recorrente. Isso significa que, para esses estudantes, economia não é um tema abstrato, ela atravessa diretamente sua experiência de vida. Por essa razão, a abordagem da OLITEF encontrou terreno fértil: ao invés de partir de conteúdos descontextualizados, as atividades dialogaram com realidades concretas e com as emoções que emergem das vivências cotidianas.

O corpo docente da escola, por sua vez, demonstrou forte interesse em integrar a educação financeira ao currículo regular, entendendo que esse tema favorece o desenvolvimento de competências previstas na BNCC, tais como pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e responsabilidade. Os professores relataram que muitos conflitos entre os alunos tinham relação com consumo, empréstimos informais, negociação de itens, frustrações ligadas ao desejo por objetos e dificuldades de lidar com frustração. Esses fatores reforçaram a relevância de desenvolver uma ação pedagógica estruturada, capaz de transformar a percepção dos alunos acerca do valor das coisas e, sobretudo, do valor de suas próprias escolhas.

No contexto institucional, a escola se mostrou aberta a projetos externos, desde que respeitassem sua identidade e sua experiência educacional acumulada. As reuniões iniciais para implementação da OLITEF foram marcadas por trocas produtivas entre equipe gestora, professores e mediadores externos, delineando uma intervenção pedagógica que não fosse impositiva, mas construída de forma colaborativa. Essa articulação previa que cada etapa fosse discutida previamente com os docentes, possibilitando adaptar as propostas às necessidades da turma e à dinâmica da escola.

Assim, compreender o contexto do GET Vera Lúcia Chaves da Costa é fundamental para analisar a experiência da OLITEF. A inserção territorial, as características do corpo discente, a identidade pedagógica da escola e as condições objetivas do cotidiano escolar influenciaram diretamente a forma como o projeto foi recebido, desenvolvido e ressignificado pelos estudantes. Esse panorama permite entender por que a experiência não foi apenas uma sequência de oficinas, mas um processo reflexivo, dialógico e transformador.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA OLITEF EM SALA DE AULA

A experiência da OLITEF com a turma do 6º ano desenvolveu-se ao longo de um ciclo formativo distribuído em encontros semanais, com duração aproximada de 90 minutos cada. As atividades foram organizadas em quatro eixos estruturantes: diagnóstico inicial, oficinas temáticas,

práticas vivenciais e sínteses avaliativas. Construindo um percurso formativo coerente, progressivo e dialogado. A seguir, apresenta-se detalhadamente cada uma dessas etapas.

O primeiro encontro teve caráter investigativo e acolhedor, buscando compreender o repertório prévio dos estudantes e suas percepções sobre economia e dinheiro. Utilizou-se uma roda de conversa guiada por perguntas abertas, como: “O que é dinheiro para você?”, “O que as pessoas compram?”, “O que é necessário? O que é desejo?”, “Como a gente decide gastar?”. Embora simples, as questões revelaram visões carregadas de afetos, expectativas e frustrações.

A maioria dos alunos associou dinheiro ao trabalho árduo, à sobrevivência e a um bem sempre insuficiente. Alguns relataram conflitos familiares relacionados a contas atrasadas ou dificuldades financeiras, enquanto outros associaram consumo à felicidade e ao reconhecimento social. A escuta sensível permitiu identificar blocos temáticos centrais para o desenvolvimento do projeto: a relação entre desejo e necessidade, a influência da mídia, a pressão dos pares, a cultura do consumo acelerado e a ausência de planejamento financeiro.

A segunda etapa consistiu em oficinas temáticas que introduziam conceitos básicos de economia de maneira lúdica, contextualizada e interdisciplinar. A dinâmica “Caminhos do Dinheiro” simulou o percurso de um real desde sua emissão até sua circulação na comunidade. Os estudantes representaram papéis como comerciantes, trabalhadores, consumidores e produtores, compreendendo como o dinheiro circula e como diferentes decisões econômicas afetam o coletivo.

Outra oficina importante foi “Preço, Valor e Significado”, na qual os alunos comparavam objetos cotidianos e discutiam não apenas seus preços, mas o valor simbólico associado a cada item. Essa atividade permitiu desconstruir a ideia de que valor é apenas monetário, ampliando o olhar para dimensões afetivas, culturais e sociais.

As práticas vivenciais constituíram o núcleo da experiência. A dinâmica “Orçamento da Semana” convidava os estudantes a planejar gastos hipotéticos a partir de uma renda fixa, considerando imprevistos, prioridades e oportunidades. O exercício gerou debates intensos: alguns estudantes preferiam gastar tudo de uma vez, outros buscavam guardar parte da quantia e outros ainda tentavam equilibrar desejo e responsabilidade.

Também foi realizada a atividade “Mercado Simulado”, na qual os alunos, organizados em pequenos grupos, criavam produtos fictícios e definiram preços, estratégias de venda e formas de negociação. Essa atividade articulou matemática, criatividade, expressão verbal e cooperação. Além

de estimular cálculos mentais, a dinâmica permitiu que os estudantes compreendessem noções como lucro, custo, oferta e demanda.

Por fim, a prática “Projeto de Vida e Sonhos” foi essencial para aproximar a educação financeira da dimensão subjetiva e afetiva. Os estudantes escreveram metas pessoais e refletiram sobre caminhos para alcançá-las. Muitos objetivos estavam relacionados à melhoria da vida familiar, aquisição de bens simples ou realização profissional futura. Esse exercício reforçou a ideia de que economia também é cuidado, esperança e possibilidade.

A avaliação da experiência privilegiou processos, e não resultados imediatos. A cada encontro, os estudantes produziam sínteses individuais ou coletivas, seja por meio de pequenos textos, desenhos, mapas mentais ou apresentações orais. Essas sínteses evidenciaram mudanças perceptíveis: amadurecimento na compreensão sobre consumo, valorização do planejamento e maior consciência sobre o impacto emocional envolvido em decisões financeiras. Lins (1994) amplia o debate sobre a facilitação da aprendizagem ao destacar em suas reflexões que:

Ora, o que é verdadeiramente paradoxal é que as abordagens facilitadoras se justificam, dizendo que a matemática precisa ter significado para os alunos, e que a ausência de significado na matemática acadêmica é a fonte de tanto fracasso. E o paradoxo está no fato de que o significado é a primeira noção verdadeiramente abandonada no trajeto dos projetos facilitadores, ficando apenas o resíduo dos textos (Lins, 1994, p. 44).

Em reuniões com a equipe docente, os professores relataram diminuição de conflitos relacionados a trocas, negociações e pequenos empréstimos informais entre os alunos. Também observaram maior capacidade de argumentação e justificativa das escolhas em atividades regulares de matemática e projetos integradores.

A experiência da OLITEF revelou, portanto, não apenas aprendizagem conceitual, mas também transformação de atitudes e fortalecimento do protagonismo juvenil.

A análise dos resultados obtidos a partir da experiência desenvolvida no GET Vera Lúcia Chaves da Costa permite identificar impactos significativos no campo cognitivo, social, emocional e comportamental dos estudantes. Essa análise se apoia tanto nas produções dos alunos quanto nas observações realizadas pelos mediadores e pelos professores da escola.

Os estudantes demonstraram evolução na compreensão de conceitos como renda, poupança, consumo, prioridade, necessidade, valor e planejamento. Isso se observou não apenas durante as atividades da OLITEF, mas também em interações cotidianas ao longo do período letivo. A turma

passou a utilizar termos econômicos com maior precisão e a relacionar os conceitos trabalhados com sua experiência cotidiana.

Alunos que inicialmente apresentavam dificuldade em realizar cálculos de orçamento, por exemplo, desenvolveram maior fluidez em operações matemáticas simples e passaram a analisar problemas com mais autonomia. Esse avanço reforça a importância de projetos pedagógicos que contextualizam conteúdos formais, tornando-os mais significativos e aplicáveis à vida real.

As atividades vivenciais possibilitaram o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais. A dinâmica do “Orçamento da Semana” exigiu tomada de decisão sob pressão; o “Mercado Simulado” solicitou cooperação e diálogo; e o projeto “Sonhos e Metas” ativou dimensões como empatia, autoconhecimento e autorregulação emocional.

Ao confrontar-se com escolhas hipotéticas, como comprar algo desejado ou guardar parte do dinheiro, os estudantes vivenciaram situações que exigiam amadurecimento emocional. Muitos relataram que compreenderam melhor o valor simbólico de itens que desejavam e passaram a diferenciar desejo e necessidade com mais clareza. Isso tem implicações profundas no desenvolvimento da autogestão e da capacidade de tomar decisões conscientes. Ferreira e Bisognin (2020) apontam que trabalhar Matemática Financeira na Educação Básica por meio de situações presentes no cotidiano torna as aulas mais envolventes, ampliando o interesse dos alunos. Essa abordagem contribui para que eles utilizem o que aprendem de maneira mais crítica, desenvolvendo hábitos de planejamento e tomada de decisão financeira com maior responsabilidade.

Observou-se redução de conflitos relacionados ao consumo e maior cuidado com pertences pessoais. Alunos que frequentemente compravam itens sem critério passaram a discutir com colegas a importância de economizar ou planejar gastos. Professores relataram que parte dos estudantes passou a adotar estratégias de organização, como listas de tarefas, cadernos mais estruturados e melhor administração do tempo, habilidades relacionadas à educação financeira, mas que transcendem seu escopo imediato.

A experiência reforçou o papel da escola como espaço de formação integral, capaz de promover aprendizagens que ultrapassam os limites do currículo formal. As famílias, ao perceberem o engajamento dos alunos, passaram a dialogar com a escola sobre questões financeiras e planejamento doméstico, o que ampliou a potência da intervenção.

Além disso, o projeto fortaleceu a relação entre os professores, que passaram a discutir estratégias de integração curricular para que a educação financeira se tornasse parte permanente da

rotina escolar. Essa articulação indica que a experiência da OLITEF não se limitou ao período de execução, mas deixou legado conceitual, metodológico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida pela OLITEF junto à turma do 6º ano do GET Vera Lúcia Chaves da Costa revelou-se um processo formativo potente, complexo e profundamente significativo para os estudantes, para a equipe docente e para a própria cultura escolar. A análise das atividades realizadas, das interações estabelecidas e dos resultados observados permite afirmar que a educação financeira, quando tratada como prática emancipadora, ultrapassa o domínio técnico e assume a dimensão de leitura crítica do mundo, dialogando diretamente com as necessidades e vivências dos sujeitos.

Ao longo do percurso formativo, os estudantes demonstraram não apenas assimilação de conceitos econômicos básicos, mas principalmente capacidade de aplicá-los em situações reais ou simuladas, refletindo sobre escolhas, prioridades e consequências. A compreensão de temas como poupança, valor, consumo consciente, planejamento e circulação de bens deixou de ser abstrata e passou a fazer parte do repertório cotidiano da turma. Essa aprendizagem, ancorada em metodologias dialogadas e vivenciais, favoreceu o desenvolvimento cognitivo e fortaleceu habilidades matemáticas, argumentativas e analíticas.

Além disso, os impactos socioemocionais se destacaram como resultado expressivo da intervenção. Ao lidar com situações que envolviam desejos, frustrações, negociações e decisões coletivas, os alunos desenvolveram maior maturidade emocional e senso de responsabilidade. A distinção entre desejo e necessidade, a reflexão sobre metas pessoais e o exercício da empatia durante as atividades de cooperação ajudaram a construir uma postura mais consciente diante das relações econômicas que permeiam suas vidas. Esse aspecto demonstra que a educação financeira, quando trabalhada a partir das realidades concretas, também se constitui como educação ética, afetiva e humana.

No campo comportamental, foram observadas mudanças sutis, porém importantes: diminuição de conflitos relacionados ao consumo ou empréstimo de materiais, maior cuidado com pertences, ampliação da capacidade de organização e planejamento pessoal e maior consciência sobre as escolhas feitas no cotidiano. Esses indícios, embora não sejam mensuráveis de forma imediata ou

absoluta, revelam que os estudantes passaram a refletir mais profundamente sobre suas atitudes, internalizando aprendizados que extrapolam o espaço escolar.

A intervenção também contribuiu para fortalecer a cultura escolar, estimulando professores a repensarem práticas, integrarem conteúdos e ampliarem o diálogo com as famílias. A partir da experiência, a escola passou a discutir maneiras de incorporar sistematicamente a educação financeira ao currículo, evitando que o tema seja tratado de forma episódica ou superficial. Assim, a OLITEF pode ser compreendida não apenas como projeto pontual, mas como catalisadora de um movimento institucional mais amplo em direção a uma educação integral e contemporânea.

De modo geral, conclui-se que a experiência realizada no GET Vera Lúcia Chaves da Costa evidencia o potencial transformador da educação financeira quando concebida como prática contextualizada, crítica e humanizadora. Longe de restringir-se ao cálculo de orçamentos ou ao ensino de estratégias de economia, ela se torna ferramenta de fortalecimento da autonomia, da reflexão ética e da participação social. Em um contexto de desigualdades socioeconômicas e desafios cotidianos intensos, como o encontrado no território de Santa Cruz, ações pedagógicas como essa tornam-se ainda mais necessárias para ampliar horizontes, criar oportunidades e fomentar esperanças.

Por fim, reafirma-se que a educação financeira na escola pública deve considerar as especificidades dos sujeitos, respeitar os tempos e ritmos de aprendizagem e valorizar saberes que emergem das experiências concretas dos estudantes. Projetos como a OLITEF mostram que é possível construir caminhos inovadores, sensíveis e transformadores, capazes de articular conhecimentos econômicos, práticas colaborativas, desenvolvimento socioemocional e protagonismo juvenil. O sucesso da experiência abre espaço para novas investigações e para a continuidade de práticas pedagógicas que contribuam para formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de projetar futuros mais dignos e autônomos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Ana Paula Solino. **Potenciais Problemas Significadores em aulas investigativas: contribuições da perspectiva histórico-cultural**. 2017. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: matemática. **Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Educação Fundamental**, 1998.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano Diretor da Enef.** 2011a. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/legislação/Default.aspx>. Acesso em: 10 set. 2025.

FERREIRA, Susana Machado; BISOGNIN, Vanilde. **Resolução de Problemas e a Educação Matemática Realística: contribuições para a Educação Financeira Escolar com Professores em Formação Inicial.** Revista de Educação Matemática, [s. l.], v. 17, p. e020020, 2020. DOI: 10.37001/remat25269062v17id265. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/195>. Acesso em: 13 nov. 2025.

FRESCURATO, Caruanã Guatara Oliveira. **O uso pedagógico do gênero microficção e a implementação de um jornal escolar no Ginásio Educacional Tecnológico (GET): impactos na formação dos alunos.** *Interletras*, Dourados, v. 12, p. 1-9, 2025. Disponível em: <https://www.unigran.br/revistas/interletras/trabalho/1935>. Acesso em: 10 set. 2025.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai rico pai pobre.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LINS, Romulo Campos. **Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática.** In: Bicudo, M. A. V. (Org.) Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, p. 75-94, 1999

SILVA NETO, Odilon Feitosa. **Alfabetização financeira e sua influência nas decisões de consumo de produtos financeiros de crédito.** 78 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração com Ênfase em Finanças). Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://tede.fecap.br:8080/jspui/handle/jspui/697>. Acesso em: 10 set. 2025.